

Cara nova para o velho Taguacenter

Edson Gêz

W3 Sul, Venâncio 2.000, Mercado Norte, todos centros comerciais tradicionais do Distrito Federal que tentam sobreviver à concorrência de shopping centers e grandes lojas. A mesma luta diária por manter as portas abertas enfrenta o Taguacenter, um dos mais antigos prédios comerciais de Taguatinga. Para entrar com fôlego no século XXI, o local está ganhando cara nova.

Desde 25 de fevereiro, a fachada frontal do edifício de três andares está escondida por andaimes. A pintura branca descascada e sem graça deve ser substituída por uma tinta alaranjada que salte aos olhos dos pedestres e motoristas que trafegam pela avenida Hélio Prates. As pilastres receberão novo revestimento em pastilhas azuis escuras, anti-pinchões. As infiltrações nas marquises serão consertadas. Por fim, o nome Taguacenter ficará bem visível, em um grande letreiro lateral.

A reforma foi dividida em três etapas: a parte da frente do prédio, orçada em R\$ 35 mil, deve ficar pronta nos próximos 60 dias. As outras, até o fim do ano. "Temos de nos reciclar. Se não acompanharmos as mudanças, ficaremos completamente fora do mercado", avalia a subsíndica do Taguacenter, Flávia Gildino, 40 anos. De acordo com ela, o prédio não apresenta problemas estruturais.

As modificações do centro comercial são uma consequência das reformas na parte interna, iniciadas há quatro anos. O piso do térreo ganhou placas de granito. O techo de gesso foi retirado para acabar



Os comerciantes Jonas Oliveira e Alberto Costa torcem para que a reforma do Taguacenter chame atenção dos clientes

com a atmosfera abafada do local. "O teto era tão baixo que conseguimos trocar lâmpadas apenas esticando a mão", garante Flávia, também proprietária de um escritório de advocacia no local.

"Isso aqui parecia um hospital, de tão feio", lembra o músico Alberto Costa, 44 anos, há cinco pro-

prietário de uma loja de instrumentos musicais no Taguacenter. Com fregueses moradores do Plano Piloto e outras cidades do DF, Alberto dá muita importância à apresentação da loja. "A estética é o cartão de visitas e chama muito a atenção dos artistas", diz ele, especializado em teclados.

quais o condomínio optou pela reforma. Com 160 unidades, das quais 80 são lojas e 80 são salas destinadas a profissionais liberais, o prédio nunca havia passado por uma operação de recauchutagem externa. Para mudar a situação de abandono, cada condômino terá de pagar R\$ 65.

Segundo Flávia Gildino, 95% dos imóveis estão ocupados, em sua maioria pelos próprios donos. "Como lidamos diretamente com os donos, estamos tendo muita facilidade para colocar em prática as idéias de renovar o Taguacenter. Cada proprietário sabe que estará valorizando seu imóvel", acredita a subsíndica.

Proprietário de uma loja de sapatos, Jonas Silva, 55 anos, lembra dos bons tempos em que chegou a ter quatro empregados. Instalado no Taguacenter desde 1976, ele agora emprega apenas uma vendedora. E reclama das contas e dos poucos lucros ao fim do mês. "O comércio está muito fraco. E a gente perdeu mais ainda pois os shopping centers oferecem de tudo, chamam muito mais atenção", constata.

Sua esperança para não se ver obrigado a fechar as portas é a reforma do Taguacenter. Comerciante desde a década de 60, quando chegou a Brasília vindo da Bahia, Jonas espera reviver os anos em que a loja tinha mais movimento, antes mesmo do Plano Cruzado. "De lá para cá o dinheiro só sumiu. Tomara que nosso investimento o traga de volta", diz ele.